



SCHINDLER BRASILEIRO

Luís Martins de Souza Dantas, embaixador do Brasil na França entre 1922 e 1943, era bem recebido nos salões da sociedade parisiense e amigo de artistas e intelectuais. Mas não é por nenhum desses atributos que aqui se fala dele. Souza Dantas desafiou, ao mesmo tempo, a ditadura do Estado Novo e a fúria nazista para salvar a vida de pelo menos 400 judeus aos quais forneceu visto de entrada no Brasil. A estimativa é do pesquisador carioca Fábio Koifman, que baseou sua dissertação de mestrado — a ser defendida em junho, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro — na vida do embaixador e em sua atuação na França durante a dominação nazista. Aos 400 nomes já encontrados, Koifman acredita que se somem outros 400.

Com essa extensa folha de serviços, Souza Dantas poderia ser comparado ao industrial alemão Oskar Schindler, que ajudou a salvar da morte 1200 judeus durante a guerra. O relato das façanhas do embaixador brasileiro é especialmente saboroso quando se conhecem as manobras que utilizou para retirar o maior número possível de refugiados da França ocupada. Para driblar as exigências das circulares secretas do governo Vargas, ele assinou passaportes para refugiados

usando datas anteriores à vigência das normas que restringiam a entrada de judeus no Brasil. Também chegou a fornecer visto a quem não tinha sequer passaporte. Diversas vezes advertido por esses procedimentos benevolentes, acabou sofrendo um processo administrativo, por ordem do próprio Getúlio Vargas. A demissão só não ocorreu porque quando se chegou à fase das conclusões Souza Dantas já estava tecnicamente aposentado.

Até hoje, os primeiros relatos do holocausto conhecidos datavam de 1942. Um documento inédito, garimpado por Koifman, prova que em novembro de 1940 o diplomata brasileiro enviou o primeiro alerta de que se tem notícia sobre a selvageria nazista que estava em curso. Dizia o seguinte: “Há verdadeiro êxodo para fugir à fome, ao frio e à miséria nos campos de concentração e a outros horrores (...) Não sendo permitido aos estrangeiros trabalhar aqui, se não possuírem meios de subsistência, são internados imediatamente nos campos de concentração, que bem poderiam figurar no capítulo do Inferno de Dante”. O aviso do diplomata, como se sabe, não mudou a orientação da ditadura de Vargas em relação aos judeus. Mas mostra que, entre os funcionários do governo brasileiro, havia gente atuando do lado do bem.

Souza Dantas: sua história de ajuda aos que fugiam do horror na Europa o compara ao industrial alemão retratado no filme *A Lista de Schindler*, do diretor Steven Spielberg



GAMMA